

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

A festa das Tendias e a origem do Messias (Jo 7,1-52)

OLIVEIRA Manoel Messias Santana de

Literatura Joanina e Cartas Católicas

Prof. Dr. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2022

A FESTA DAS TENDAS E A ORIGEM DO MESSIAS (Jo 7,1-52)

1. Situando o texto

O capítulo em exercício, aponta uma análise bastante extensa e ao mesmo tempo complexa. O capítulo 7 apresenta um quadro narrativo sólido. A perícopos em questão aborda a subida do povo para Jerusalém e os diversos momentos da festa das Tendras, cuja importância é indispensável para os judeus.

Segundo Konings, os capítulos 7 e 8 abordam temáticas difíceis, agressivas e ao mesmo tempo estranhas, o que gera poucos comentários acerca das perícopes. Contudo, a mensagem, mesmo que difícil em ser compreendida acena para a verdadeira liberdade e a confiança necessária do povo para com Deus.

A festa das Tendras é a mais popular do ano e dispunha de um caráter messiânico. O número de participantes era demasiado grande, os quais acorriam à capital. O caráter messiânico impregnado na festa, provocava a esperança do futuro reinado de Deus e conseqüentemente da libertação do povo. A durabilidade da festa era de sete dias, dos quais o primeiro dia era festivo como sábado. Ocorria sempre no início do outono. Outra característica, a qual se pode destacar é de que essa festa era considerada dos “dirigentes”, isto é, os judeus, cujo verdadeiro sentido das celebrações era manipulado.

A Festa das Tendras acontecia com o intuito de rememorar milagres de outrora, como por exemplo, o dom da água em pleno deserto por intermédio de Moisés, conforme se atesta em Êxodo 17,1-7¹; recorda ainda orações que eram feitas para a chuva (cf. Zc 14,17). Em suma, essa festa era uma celebração ritual do milagre da água que simboliza o dom da Torá². Nesse interim, Jesus se apresenta como a água verdadeira que sacia as necessidades humanas.

Jesus era considerado grande perigo para a sociedade, cuja proposta era exterminá-lo, sobretudo após a cura do enfermo na piscina de Betesda (Cf. Jo 5,16-18). É necessário frisar que Jesus estava na Galileia. Ao se aproximar a festa mais solene do ano, é desafiado pelos “irmãos” a subir também para Jerusalém, de modo a demonstrar

¹ Cf. NOVA BÍBLIA PASTORAL, p. 1304;

² Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1862;

publicamente o que é capaz de fazer, corroborando para que sua “personalidade” fosse posta em evidência. Obviamente que Jesus não aceita a proposta.

Na primeira parte, observamos Jesus que não andava pela Judéia, porque os dirigentes de Jerusalém não aceitam sua atividade e queriam mata-lo. Jesus busca não se expor, distanciando-se deles, permanecendo fora de sua jurisdição política, a saber na região do norte, uma vez que o sul era território perigoso pra ele. Àqueles que outrora não o haviam acolhido, permanecem a rejeita-lo.

Consequentemente, a festa das Tendias, outrora associada por Zacarias como “o dia do Senhor”, “o dia do triunfo”, apontava a promessa de que um rei messiânico chegaria a Jerusalém montado em um jumentinho e que «Deus derramaria sobre a dinastia davídica e os vizinhos de Jerusalém espírito de arrependimento e para eles se abriria um manancial contra os pecados. [...] A festa das Tendias seria o ponto de encontro das nações gentílicas cada ano. A nação que não achorresse não receberia a chuva»³. No entanto, mesmo com esse caráter messiânico, a festa é manipulada pelos dirigentes (os Judeus).

O discurso de Jesus acerca do ódio e da perseguição se dá pelo fato da não aceitação dos judeus em vista das atividades e denúncias que ele realiza. Ao incentivar o povo a subir para a festa, Jesus imprime a cumplicidade deles junto as injustiças. Por outro lado, quando decide subir à festa não é pela visão dos demais, tampouco para participar das celebrações, mas para ensinar.

Nessa primeira parte, observa-se a oposição entre a instituição judaica e Jesus, que é perseguido. Mesmo antes de iniciar a atividade com o povo, Jesus torna-se odiado, um perigo, contudo, não mudou o modo em agir, ou se dobrando frente aos caprichos dos dirigentes. Jesus age com justiça e denuncia a perversidade presente na sociedade.

O segundo momento relata Jesus, o perseguido, ensinando pela primeira vez no templo em Jerusalém, cujo ambiente é de hostilidade. No entanto, ele não se deixa intimidar e defende a necessidade que o povo tem em conhecer a verdade de sua doutrina, a qual não é ensinada em nenhuma das escolas oficiais. Jesus aponta que os dirigentes tem uma interpretação precipitada e superficial da Lei. Os dirigentes querem mata-lo, contudo, a multidão diante dele parece estar dividida, pois « uns demonstram aprovação, mas para outros, que estão com os dirigentes, Jesus é impostor»⁴.

³ J. BARRETO-J.MATEOS. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, Paulus, São Paulo 1999, 349.

⁴ Ver acima, p. 357.

Jesus acusa os dirigentes pelas “sentenças” que dirigem ao povo, o modo superficial pelo qual agem. Ao mesmo tempo, os convida a praticarem a justiça perante os homens de modo coerente. Mesmo com as acusações, o povo deixa Jesus falar, fato que gera inquietação e questionamentos, a ponto de muitos adotarem a ideia de que os chefes estão convencidos de Jesus como o Messias.

Contudo, numa visão limitada e geográfica, julgam a procedência de Jesus, já que ele transitava de um lado para outro da Galileia. Segundo a concepção dos dirigentes a manifestação de Jesus havia de ser triunfante e a forma como aquele nazareno agia não condizia com o Messias esperado. No entanto, o reconhecimento de Jesus como Messias, não se dá apenas por sua genealogia, mas sim pela liberdade que oferece aos oprimidos. A autenticidade de Jesus «depende unicamente de que seja enviado por Deus»⁵ e não das decisões próprias. Jesus conhece a Deus porque provem dele e a partir disso manifesta sua relação de amor com o Pai.

O terceiro momento é cercado pelo convite à adesão ao projeto divino, é o tempo da salvação. «Jesus faz o convite solene a nele crer e receber o Espírito (a água)»⁶. As elucubrações de Jesus despertam divisões em meio ao povo. Alguns são contrários à sua prática. Diante disso, ao observar as murmurações, os dirigentes sentem-se ameaçados, pois o sistema por eles regido estava prestes a ter cisões. Jesus, no entanto, não se desespera com o que pode lhe acontecer, pois tem convicção do que diz e faz e sabe que sua procedência vem do Pai e é para Ele que voltará.

Os fariseus não se contentam em saber que o povo pode aderir ao projeto de Jesus, e, se assim for, seus ideais sofrerão abalos, cuja dominação não será mais possível. Desse modo, uma vez que os indivíduos não dispunham do direito em formar sua própria opinião, os fariseus detinham o poder ideológico, estampando acusações e questionamentos acerca de Jesus e ao mesmo tempo o desprezo para com a multidão.

O povo não conhecia a Lei; não havia disponibilidade para estudá-la. Os fariseus eram detentores e somente quem dispunha do conhecimento das Leis era considerado como o “puro e perfeito” a manter boa relação com Deus. A Lei, para eles, era utilizada como instrumento de justiça. Desse modo, para o povo, o acesso a Deus era impossível.

⁵ J. BARRETO-J.MATEOS. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, Paulus, São Paulo 1999, 364.

⁶ Ver acima, p. 370.

2. Estrutura do texto

A) 1-10 Introdução: Jesus que vai de modo clandestino da Galileia à Jerusalém; Jesus anda pela Galileia e é provocado pelo seu povo para subir à Jerusalém; contudo recusa o convite, não por medo, mas porquê sua missão ainda não fora compreendida.

B) 11-31 Provocação dos judeus e a Centralidade da missão de Jesus: Uma primeira sequência, na qual Jesus encerra os ensinamentos frente ao povo e no meio das festividades sobe ao templo para instruir, fazendo duas declarações messiânicas que estão inseridas no contexto da festa: *a água viva e a luz*; com essas duas prerrogativas, Jesus declara a substituição do templo e convida todos para que se aproximem dele e o sigam, deixando de lado a antiga instituição. É por assim dizer a “origem do Messias”.

C) 32-36 O incômodo causado nos fariseus e a busca para prender Jesus: O alarme e o medo das autoridades e Jesus que apresenta o tempo da salvação e a urgência que se tem para com o mesmo.

D) 37-39 Jesus como a fonte verdadeira da vida: a água que sacia: É o convite à adesão ao projeto de Deus. Jesus como a revelação plena, a plenitude da Lei. A promessa da água verdadeira.

E) A origem do Messias: Diante das prerrogativas de Jesus, a multidão se alvoraça e alguns o reconhecem como o Profeta, todavia, essa concepção era antiga, ou seja, não viam novidade em Jesus. O Messias era reconhecido na visão do passado, contudo, sua maneira de agir no presente, demonstrava a Boa Nova: a revelação de que ele fora enviado de Deus. Aquele povo via Jesus como impostor, cujas atitudes não apresentava novidade, segundo suas concepções.

3. Análise semântica

Irmãos: (vv 2; 5; 10) esse grupo também denominado como o “pessoal de Jesus” são gente da Galileia, judeus de raça que não aceitam as propostas de Jesus. As sugestões que eles insistem para com Jesus foge completamente da sua prática originária, «eles lhe propõem o movimento inverso, sair da Galileia para entrar na instituição judaica»⁷. A pretensão deles é que Jesus adquira uma posição influente, contudo, o modo pelo qual ele age é incongruente. Todavia, a manifestação de Jesus teve seu início em Caná (Cf. Jo 2,1-12), demonstrando amor para com o homem. O desejo dos “irmãos” de Jesus é que sua manifestação seja pessoal, para a promoção própria.

Com essa atitude, faz-se necessário compreender que eles não haviam aderido à proposta de Jesus, mas agiam com ironia e ceticismo. Jesus, no entanto, afirma que a hora dele ainda não é chegada. O discurso de Jesus é incisivo, pois apresenta que entre eles e o “mundo” não existe conflitos, pelo fato de que aceitam o “mundo” tal como lhes apresentam. Não percebem a necessidade da mudança, submetem-se aos desejos dos dirigentes, por isso, participam da festa. São pessoas passivas.

Obras: (vv 3; 7; 21): está relacionada as ações que Jesus realizava;

Ocultas: (v 4): Jesus é provocado para subir à Judeia, para que todos possam ver os seus feitos. É acusado de agir secretamente. Todavia, essa acusação surge em vista do descrédito que seu povo tinha perante ele. Querem ver façanhas, de modo a desacreditar no trabalho silencioso de Jesus;

Mundo: (vv 4; 7): embora Jesus esteja presente no contexto do mundo, não compactua com a lógica de seus irmãos, bem como dos judeus. Este mundo, portanto, recusa Jesus e suas propostas, pois Jesus denuncia as maldades nele presente. A lógica de Jesus e dos demais é permeada por um abismo, é repleta de rejeições.

Tempo: “Meu tempo ainda não chegou” (v 6). Com essa terminologia expressa-se que Jesus não segue o tempo do mundo, mas sim o *kayrós*, que é determinado por Deus.

Festa: (vv 2; 8; 9; 14; 37) ambiente cujos interesses particulares dos judeus tornaram-se evidentes. Por isso que inicialmente Jesus se recusa a subir. Quando decidi

⁷ J. BARRETO-J.MATEOS. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, Paulus, São Paulo 1999, 350.

estar na festa não é pela pressão sofrida, mas por iniciativa própria, de acordo com a vontade do Pai;

Estudo/Instrução: (v 14-15) já no Templo Jesus começa a ensinar. O que ele transmitia era oriundo do Pai. Os judeus estranham e julgam-no porquê Jesus não havia passado em nenhuma escola ou fora instruído por algum rabino famoso. Ao mesmo tempo que julgavam a Jesus, os «fariseus da sinagoga censuravam os cristãos porque seus mestres não recebiam formação nas escolas rabínicas»⁸.

Vale ressaltar que no tempo em que o evangelho de João foi escrito, o centro do judaísmo era o ensino rabínico, cujo lugar do Templo ocupava. No entanto, aos olhos do evangelista, o verdadeiro substituto do Templo é Jesus (cf. 2,21), que com seu ensinamento ocupa o lugar do Templo.

Cumprir a vontade divina: (vv 17-19; 28-29; 33-34) «A prática do ensinamento de Jesus mostra seu teor divino, sua origem no projeto do Pai»⁹. Jesus não fala por vanglória ou vontades próprias, procura a glória de quem o enviou.

Demônio: (v 20) Jesus é visto como um louco perante a multidão. Para eles Jesus não dispõe de dignidade para ensinar. Entretanto, mesmo sem formação acadêmica, Jesus demonstra perante a sociedade que o projeto em evidência não é julgar pela aparência, mas a dignidade da vida, o cumprimento da vontade de Deus.

Venha a mim e beberá: (v 37) convite de Jesus para todos quantos tem sede irem até ele. O fato ocorre no último dia da festa, com a solene procissão de água e luz. Jesus não está mais sentado como mestre, está de pé, numa atitude de profeta¹⁰.

Água viva/ Espírito: (v 38-39) alusão a Is 2,3 lembrando das “águas da salvação”, cujo refrão era recitado na procissão diária da semana festiva, a saber, a procissão que trazia a água da fonte do Templo, que desembocava da piscina de Siloé, até o Templo. «Muitos outros textos correspondem a essa imagem: a água saindo do novo templo (Ez 47,1-2) ou da nova Jerusalém (Zc 14,8), pois Jesus é o novo templo (cf. 2,21)»¹¹.

Essa água viva simboliza o dom que Jesus comunica. É Jesus quem dá o Espírito (Jo 16,7). O Espírito será recebido pelos fiéis posteriormente, depois da glorificação de

⁸ J. KONINGS. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, Loyola, Petrópolis 2005, 174.

⁹ Ver acima, p. 175.

¹⁰ Cf. J. KONINGS. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 178.

¹¹ J. KONINGS. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 178.

Jesus, isto é, quando for elevado na cruz e assunto na glória divina. Portanto, interpretar a água viva é, mergulhar na sabedoria e no conhecimento de Deus, os quais são comunicados por Jesus a quem nele crê.

Profeta: (vv 40) alguns, após ouvirem as declarações de Jesus o reconhecem como profeta. No entanto, ainda com uma visão limitada e sobretudo restritos a genealogia de Jesus. Sobre isso, é oportuno dizer que Jesus não é oriundo de nenhuma das origens discutidas por eles. Pensam saber de onde é Jesus, no entanto, não o sabem, pois Jesus é “do alto” (cf. Jo 3,31-36).

Autoridades: (vv 25; 30; 32; 45-52) os chefes dos sacerdotes; os anciãos; fariseus; a trupe que busca prender Jesus pelas obras e discursos que ele já realizara. Em evidência podemos colocar os fariseus, pois com seu orgulho intelectual e uma religião baseada nos preceitos, não se permitem acreditar naquilo que Jesus prega.

Faz-se necessário, ainda, elencar a figura de Nicodemos, o qual toma a palavra e defende Jesus. Todavia, o discurso deste homem também conduz para a Lei, questionando se é lícito condenar alguém antes mesmo de ouvi-lo. A resposta é devorada por um questionamento brusco e um argumento ignorante, afirmando com base nas Escrituras que da Galileia não surge profeta.

A leitura das Escrituras feita pelas autoridades leva-nos a compreender um fundamentalismo exacerbado, pautado em regras frias e nos interesses particulares. Sendo assim, para a comunidade joanina, Deus é maior que as Leis e Escrituras.

Lei: (vv 19; 23; 49; 51) O escudo dos Judeus é a Lei de Moisés, o único critério para julgar as ações dos homens. Sendo assim, a proposta de Jesus se mostra afrontosa, cujo desafio abala a instituição. Segundo a concepção de Jesus, somente quem está em sintonia com Deus pode distinguir o que vem dele ou não. A vida é o critério primordial da missão de Jesus.

4. Hermenêutica

A doutrina que Jesus apresenta é expressão do mandamento que do Pai recebeu. Destarte, o nazareno defende que para Deus o ser humano dispõe de um valor supremo, cuja paternidade divina oferece «amor ao homem como presença ativa e eficaz¹²». Com isso, Jesus afronta os dirigentes, demonstrando que aqueles homens exploram para o próprio prestígio, são manipuladores da Lei, cometem injustiças. Essas palavras aumentam nos dirigentes o desejo de matar Jesus, bem como o fato dele fazer-se igual a Deus.

Jesus é o novo templo. A rocha que irrompe água viva. Se apresenta como a nova Sabedoria, oferecendo água do Espírito no lugar da antiga Lei. O convite dele é para que todos tenham adesão a ele como o Messias, que, com o seu êxodo, funda a nova comunidade, a única esperança de salvação para Israel. «Jesus na cruz será o novo templo, de onde corre a água do Espírito»¹³. Jesus promete uma água que jamais permitirá ao homem sentir sede. Ele se oferece como o verdadeiro dom de Deus.

A alternativa de Jesus é simples, contudo, desconcertante para os dirigentes: para cumprir a vontade divina basta que exista a lealdade, ou seja, abertura dos indivíduos em amar fielmente a Deus. O que Jesus apresenta não são apenas teorias, mas sim a «força do amor do Pai. [...] Jesus dá o saber com o dom do amor, o único que realmente possibilita penetrar no significado do homem, objeto de amor do Pai»¹⁴. Por outro lado, os representantes do povo se fecham, usando como única resposta a violência, e a Lei como arma repressiva. Jesus, no entanto, se apresenta como o verdadeiro Messias, como aquele que defende e promove a vida.

Diante disso, dá a entender que o povo queria pertencer ao grupo de Jesus, ao mesmo tempo permanecer na Sinagoga, lugar que o rejeitava. Não estavam dispostos a assumir com radicalidade aquilo que ele propunha. Estavam amarrados a Lei e as estruturas. Talvez fosse mais cômodo. Assim sendo, diante do que nos rodeia, qual é a nossa opção no hoje da história? Buscamos optar pela palavra de Jesus que liberta e salva, ou nos unimos aos laços que promovem exploração, violência e morte? Somos parte de

¹² J. BARRETO-J.MATEOS. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, 360.

¹³ Ver acima, p. 375.

¹⁴ Ver acima, p. 380.

uma Igreja que promove a vida ou que apenas vive de aparências, centrada na satisfação pessoal e emocional?

Faz-se necessário e urgente compreender Jesus como a fonte verdadeira de água viva, luz para o caminho. As palavras dele, nos impele abraçar a fé, não negando nossas origens, mas tendo consciência para onde caminhamos e o que estamos realizando. Somos animados a permanecer firmes na fé, apresentando-a ao mesmo tempo na comunidade eclesial, ao mundo, as pessoas, com determinação e profetismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO Juan-MATEOS Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*, Paulus, São Paulo 1999.

BÍBLIA DE JERUSÁLEM. Paulus, São Paulo 2012.

KONINGS Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, Loyola, Petrópolis 2005.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. Paulus, São Paulo 2019.

Bible Works.